

## O processo de formação de imagens segundo Kant

DANILLO LEITE \*

\* Doutorando em Filosofia  
no PPGLM/UFRJ

Bolsista FAPERJ

danilloleite1@hotmail.com

**RESUMO** O presente trabalho se propõe a analisar o processo, explorado por Kant tanto na “Dedução Transcendental das Categorias (A)” quanto em suas *Preleções sobre Metafísica*, a partir do qual o sujeito é capaz de formar imagens empíricas. Opondo-se a teorias empiristas tradicionais, segundo as quais estas representações sensíveis poderiam ser intuídas de maneira passiva, Kant procura mostrar a importância do papel ativo que o sujeito possui na constituição das imagens.

**PALAVRAS-CHAVE** Imaginação, Imagem, Síntese, Percepção, Dedução Transcendental.

**ABSTRACT** *This paper analyses the image formation process developed by Kant in the “Transcendental Deduction of the Categories (A)” as well as in his Lectures on Metaphysics. Opposing to traditional empiricist theories, according to which these sensible representations could be intuited in a passive manner, Kant intends to show the importance of the active role of the subject in image construction.*

**KEYWORDS** *Imagination, Image, Synthesis, Perception, Transcendental Deduction.*

Na primeira versão da “Dedução Transcendental das Categorias”, vemos Kant afirmar que “a imaginação deve, com efeito, reduzir a uma imagem (*in ein Bild bringen*) o múltiplo da intuição; portanto, deve receber previamente as impressões na sua atividade, isto é, deve apreendê-las” (KANT, 2008, A120). Muito embora esta capacidade de formar imagens pareça decorrer naturalmente da própria definição de imaginação, Kant lhe atribui uma caracterização particular que nos ajuda a compreender o modo como se realizam as sínteses empíricas da imaginação. Ele ressalta sobretudo o papel ativo que o sujeito possui na constituição de imagens, pondo em jogo inicialmente, além do exercício da própria imaginação empírica, dois outros elementos que se relacionam diretamente com o exercício desta faculdade, a saber, os atos de apreensão e reprodução.

Para que se possa formar uma imagem a partir de um múltiplo recebido passivamente pelos sentidos, é necessário, primeiramente, que a imaginação, enquanto faculdade ativa, exerça sua ação imediatamente sobre este múltiplo, ao percorrer cada uma de suas partes constitutivas. Este exercício imediato da imaginação sobre o múltiplo é chamado aqui por Kant justamente de apreensão, ato a partir do qual cada uma das partes componentes do objeto é internalizada pelo sujeito.

Ora, sendo imediato o ato de apreensão, ele só pode se exercer sobre as representações que estejam, da mesma forma, imediatamente presentes na sensibilidade. Tratando-se, porém, da apreensão de um *múltiplo* de representações, cada uma delas deixa de estar imediatamente presente à medida que se passa à representação seguinte. É necessário, portanto, que as representações apreendidas sejam conectadas àquelas que não estão mais presentes, o que é feito pelo ato de reprodução. Kant descreve a necessidade desse ato afirmando que não se pode produzir “nem uma imagem nem um encadeamento de impressões” a menos que haja em nós uma faculdade reprodutiva da imaginação capaz de “evocar uma percepção, da qual o ânimo (*Gemüth*) passa para a outra, depois para a seguinte, e assim é capaz de representar séries inteiras dessas percepções” (KANT, 2008, A121). A série inteira à qual se refere Kant deve corresponder, pois, à totalidade da imagem formada a partir de suas partes apreendidas e reproduzidas. Isso pode ser válido tanto no caso de uma intuição singular complexa (um objeto composto de diversas partes) quanto no caso da intuição de uma diversidade de objetos a partir da qual se forma uma imagem única (tal como seria o caso de uma paisagem).

Outro elemento importante ao qual Kant associa a formação de imagens é a noção de percepção: segundo ele, a imaginação é “um ingrediente necessário da própria percepção (*Wahrnehmung*)” (KANT, 2008, A120). Ao fazer essa afirmação, ele parece ter em mente não as impressões dadas aos sentidos, mas sim o ato de percepção (*das Wahrnehmen*), resultante da atividade do sujeito. Este emprego do termo é esclarecido numa passagem análoga da “Dedução B”, onde a síntese da apreensão é definida como “a reunião do múltiplo numa intuição empírica pela qual é tornada possível a percepção, isto é, a consciência empírica desta intuição (como fenômeno)” (KANT, 2008, B160). Se a interpretação aqui fornecida estiver correta, a própria percepção dos fenômenos, isto é, a consciência empírica destes, deve envolver as sínteses empíricas da imaginação e, por conseguinte, a formação de imagens. Os objetos são per-

cebidos na medida em que, tornando-se internalizados pela atividade do sujeito, uma imagem a eles correspondente é formada no ânimo deste: o ato de percepção, assim concebido, resulta de uma formação imagética que reproduz o conteúdo daquilo que é apreendido intuitivamente.

De acordo com Kant, essa relação entre imaginação e percepção passou despercebida aos psicólogos anteriores a ele, o que poderia ser explicado por duas razões.<sup>1</sup> Em primeiro lugar, limitava-se o papel da imaginação apenas à reprodução das representações. Em segundo lugar, acreditava-se que os sentidos eram capazes não apenas de nos fornecer impressões, mas também de encadeá-las e de formar imagens de objetos. O argumento da “Dedução” se afasta desse ponto de vista tradicional sobretudo a partir do modo como são concebidas as funções pertencentes a cada uma destas faculdades, imaginação e sensibilidade.

Nessa direção, pode-se dizer, a respeito do primeiro ponto, que a imaginação não atua apenas reprodutivamente, mas que, ao contrário, a formação de imagens envolve igualmente a síntese da apreensão de um múltiplo de representações, a qual, muito embora se realize imediatamente sobre o um múltiplo sensível, depende de uma faculdade ativa. Quanto ao segundo ponto, pode-se observar, semelhantemente, que a passividade dos sentidos não é suficiente para a realização de uma conexão entre as representações: a nossa sensibilidade, sendo receptiva, nos fornece uma sinopse do múltiplo, o que é anterior à atividade sintética da imaginação e, conseqüentemente, ao processo de formação de imagens aqui em questão.

A crítica kantiana à psicologia tradicional se baseia, pois, na ideia de que as imagens não são internalizadas passivamente, isto é, não são pura e simplesmente recebidas pelo sujeito como se já estivessem prontas antes da atividade sintética deste. Este processo de formação de imagens é descrito de uma maneira mais completa nas *Preleções sobre Metafísica*<sup>2</sup>, as quais, embora pertençam ao período anterior à publicação da primeira *Crítica*, parecem antecipar alguns pontos de vista presentes nesta, o que

1 Cf. KANT, 2008, A120, nota.

2 Estas preleções são intituladas “*Metaphysik L1: Kosmologie, Psychologie, Theologie nach Pölitz*”, datando provavelmente de 1778-79 ou 1779-80. Uma discussão minuciosa a respeito desta cronologia pode ser encontrada na introdução de Karl Ameriks e Steve Aragon ao volume “*Lectures on Metaphysics*” pp.XXX-XXXIII, por eles traduzido e editado (New York: Cambridge University Press, 1997).

pode ser elucidativo para a presente discussão.

Nestas *Preleções*, Kant analisa a nossa capacidade formativa (*Bildungsvermögen*), denominada igualmente poder formativo (*bildende Kraft*), definido por ele como a “faculdade de formarmos a partir de nós mesmos cognições (*Erkenntnisse*) que, todavia, em si possuem a forma segundo a qual os objetos afetariam nossos sentidos” (KANT, AK XXVIII, p. 235<sup>3</sup>). Estando diretamente conectadas a objetos empíricos que são intuídos externamente, estas cognições oriundas do nosso poder formativo são também classificadas como “imitadas” (*nachgeahmte*): isto pode ser compreendido se tivermos em mente que tais cognições (ou representações) constituem imagens produzidas sensivelmente que “imitam” ou reproduzem os objetos que nos afetam.

Esta capacidade de formar imagens é subdividida por Kant em três modos elementares de formação, cada um dos quais está diretamente relacionado com um dos modos do tempo. A *Bildungsvermögen* consiste, portanto:

1 – na faculdade de ilustração (*Abbildung*), cujas representações são do tempo presente; *facultas formandi*; 2- na faculdade de reprodução (*Nachbildung*), cujas representações são do tempo passado; *facultas imaginandi*; 3- na faculdade de antecipação (*Vorbildung*), cujas representações são do tempo futuro; *facultas praevidendi*; (KANT, AK XXVIII, p. 235).

Na medida em que cada uma destas faculdades está voltada para a constituição de imagens, nós também as designaremos, respectivamente, por “formação direta de imagens”, “formação reprodutiva de imagens”, e “formação antecipatória de imagens”<sup>4</sup>. A primeira destas (*Abbildung*) consiste, pois, em formar uma imagem daquilo que está imediatamente presente aos sentidos. Sobre este processo, Kant afirma que nosso ânimo (*Gemüth*) está sempre ocupado com a formação de uma “imagem do múltiplo, na medida em que o percorre”. Assim, “quando vejo uma cidade, o ânimo forma uma imagem do objeto que tem diante de si, ao percorrer o seu múltiplo” (KANT, AK XXVIII, p. 235). A exemplo do que já vimos no caso da síntese da apreensão, toma-se como ponto de partida aqui a ideia de que os objetos dos sentidos são constituídos por uma multiplicidade de partes, as quais devem poder ser todas percorridas e li-

3 As traduções relativas a essas *Preleções* de Kant foram feitas pelo próprio autor.

4 Seguimos aqui a mesma sugestão de tradução utilizada por R. Makkrell (1994, p. 16).

gadas entre si. A partir desse percurso de um múltiplo, será formada no ânimo do sujeito uma unidade de caráter estritamente sensível, isto é, uma imagem.

Além disso, Kant descreve igualmente casos em que objetos demasiadamente complexos, compostos de um número elevado de partes, geram dificuldades para que este percurso do ânimo possa ser levado a cabo. Assim, um homem que entra em uma sala lotada de quadros e ornamentos não consegue formar uma imagem dela, pois o “seu ânimo não pode percorrer o múltiplo”. Ele não sabe exatamente a partir de que ponto “deve começar, para formar uma imagem do objeto” (KANT, AK XXVIII, pp. 235-6). Neste caso, talvez não se trate pura e simplesmente de afirmar que este percurso não possa de maneira alguma ser realizado, mas que ele não pode constituir uma série completa: por mais que os nossos sentidos possam ser afetados por um grande número de objetos (ou de partes destes), não forma-se no ânimo uma imagem correspondente a esta complexidade, não há a percepção do todo. Esta dificuldade na constituição de uma imagem única ressalta, com efeito, a diferença entre a passividade da nossa sensibilidade, que nos fornece este múltiplo, e o caráter ativo da nossa espontaneidade, que não consegue, em um único ato simples, reduzir a uma imagem essa totalidade.

É por essa razão que Kant leva em conta a possibilidade de que determinadas imagens sejam formadas não a partir de uma única observação, mas de várias, correspondentes a diversos atos de apreensão. Para tal, considera-se que um mesmo objeto pode ser dado aos sentidos a partir de diversas perspectivas: “uma cidade aparece diferentemente do seu lado leste em relação ao seu lado oeste. Há, portanto, muitas aparências (*Erscheinungen*) de uma coisa, segundo os diversos aspectos e pontos de vista”. Deste modo, podem-se formar diretamente diversas imagens de um mesmo objeto, cada uma das quais corresponde a um aspecto deste; em seguida, tais imagens podem ser reunidas entre si: “o ânimo deve formar uma imagem (*Abbildung*) dessas diversas aparências à medida que as reúne (*zusammenimmt*) todas” (KANT, AK XXVIII, pp. 236).

Todavia, esta reunião dos diferentes aspectos de um mesmo objeto em uma única imagem parece já extrapolar a conexão estabelecida por Kant entre a formação direta de imagens e o tempo presente, uma vez que aí entram em questão representações que não estão mais imediatamente presentes na intuição. Isto significa que a *Abbildung* não é dissociável dos demais modos de formação de imagens, o antecipatório e o reprodutivo. Quanto a este último, Kant nos diz que, por seu intermédio, “o ânimo

atrai as representações sensíveis dos tempos precedentes, e as conecta com as representações do presente” (KANT, AK XXVIII, p. 236). Tal como a síntese da reprodução da imaginação, a *Nachbildung* tem como finalidade tornar presentes as representações passadas, intuídas em momentos anteriores à apreensão imediata de um objeto (ou de uma parte sua). As representações do tempo passado são reproduzidas por associação: neste modo de conexão, uma representação “atrai (*herbeizieht*) a outra, porque sempre esteve em companhia dela” (KANT, AK XXVIII, p. 236). A atração de que fala Kant é oriunda de um mero hábito do sujeito, isto é, por ter sempre visto determinadas representações serem dadas em sucessão, a presença de uma delas na intuição ocasiona a presença da outra, não na intuição, mas no ânimo do sujeito.

A terceira faculdade da qual trata Kant diz respeito à antecipação de imagens futuras (*Vorbildung*). Por tratar-se da constituição de imagens daquilo que ainda não está presente na intuição, esta faculdade poderia ser tida como problemática em relação às duas anteriores. Nestas, com efeito, havia ou o contato direto com o objeto do qual se forma uma imagem (no caso da *Abbildung*) ou a reprodução de um contato direto tido anteriormente (no caso da *Nachbildung*). No que diz respeito à *Vorbildung*, não fica de todo claro em que medida pode-se formar uma imagem, visto que tal faculdade parece anteceder esta relação a partir da qual o objeto foi apreendido imediatamente. Kant se dá conta de tal dificuldade, reiterando, todavia, a possibilidade de uma formação antecipatória de imagens: “embora um elemento futuro não deixe nenhuma impressão em mim, e portanto nenhuma imagem (somente um elemento presente o faz), pode-se, porém, formar antecipadamente uma imagem de um elemento futuro” (KANT, AK XXVIII, p. 236).

Todavia, o modo como Kant explica a formação antecipatória de imagens nos dá a entender que ela não antecede todo e qualquer contato direto com os objetos, tratando-se, ao contrário, tão somente da formação prévia de uma imagem de algo já intuído anteriormente. Isso pode ser visto na afirmação de Kant segundo a qual a antecipação de imagens também ocorre segundo “leis da imaginação reprodutiva (*Imagination*)”<sup>5</sup>, donde se pode depreender que a experiência anterior, assim como o próprio hábito do

---

5 Neste contexto, Kant realiza uma identificação explícita entre o termo *Imagination* e a faculdade reprodutiva de imagens (*Nachbildung*), razão pela qual ele é aqui traduzido como “imaginação reprodutiva”. Esta *Imagination*, enquanto poder meramente reprodutivo, é contraposta por Kant à *Einbildungsvermögen*, isto é, à faculdade de imaginação propriamente dita.

sujeito, cumprem igualmente um papel fundamental aqui. Deste modo, se um sujeito está acostumado a ver duas representações em constante sucessão, ao apreender a primeira delas ele poderá formar por antecipação uma imagem da representação seguinte, conectando-a com a presente. É nesse sentido que cremos ser possível interpretar a afirmação, à primeira vista surpreendente, de que “um fenômeno presente tem representações do tempo presente e do tempo futuro” (KANT, AK XXVIII, p. 236), ou seja, é possível antecipar as representações futuras quando se espera que elas sucedam as presentes.

A diferença entre a *Vorbildung* e a *Nachbildung* consiste, portanto, apenas na direção temporal a partir da qual cada uma delas procede, isto é, assim como a primeira forma imagens do presente para o futuro, a segunda o faz do passado para o presente. O percurso seguido pelo ânimo do sujeito se dá de maneira inversa em cada um dos casos: “do mesmo modo como eu posso ir do presente para o passado, eu posso também ir do presente para o futuro. Assim como o estado presente se segue do passado, assim também o [estado] futuro se segue do presente.” (KANT, AK XXVIII, p. 236).

Os três modos de formação de imagens apresentados por Kant nas *Preleções* antecipam alguns aspectos da doutrina que vemos exposta na “Dedução A”, o que fica claro tanto pela proximidade entre a formação direta de imagens e a síntese da apreensão, sobretudo no que diz respeito ao modo como cada uma delas percorre (*durchläuft*) o múltiplo de um objeto imediatamente presente diante do sujeito, quanto pela semelhança entre a formação reprodutiva de imagens e a síntese da reprodução na imaginação. Este paralelo não fica claro, porém, ao compararmos a formação antecipatória de imagens com a síntese da reconhecimento conceitual. A *Vorbildung* se dá nos mesmos moldes que a reprodução de imagens, porém em uma direção temporal contrária, dependendo de experiências prévias do próprio sujeito, enquanto que a síntese da reconhecimento, por possuir um fundamento conceitual, não se baseia sobre o mero hábito. Por mais que os conceitos, entendidos como representações universais, possam ser aplicados a objetos que não estejam imediatamente presentes (isto é, futuros), a sua função na síntese de representações consiste justamente em ultrapassar aquilo que é particular a cada sujeito, atuando como regras capazes de tornar o ato sintético necessário.

Logo, se tanto nas *Preleções* quanto na “Dedução A” o mecanismo de formação de imagens é descrito sob seu aspecto empírico, é somente nesta última, porém, que tal



mecanismo, sendo apresentado como resultante do exercício espontâneo de sínteses empíricas, pode ser considerado como indissociável das sínteses puras que o acompanham. Ao lançar mão deste recurso, Kant poderá explicar, ao longo do restante da “Dedução”, em que medida os dados apreendidos empiricamente (isto é, dos quais formamos imagens) poderão ser subsumidos sob conceitos que não têm sua origem na experiência mesma.

## REFERÊNCIAS

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Santos/ Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften*. Ed. Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin und Leipzig: De Gruyter, 1942.

\_\_\_\_\_. *Lectures on Metaphysics*. Trad. Karl Ameriks and Steve Naragon. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MAKKREEL, R. *Imagination and Interpretation in Kant: The hermeneutical import of the Critique of Judgment*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.